

O silêncio palaciano

Da Agência Estado

O Palácio do Planalto se calou diante do discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). O presidente Fernando Henrique Cardoso assistiu às duras críticas do ex-aliado político ao lado de quatro ministros — dois da área econômica e dois palacianos — e posteriormente evitou fazer, oficialmente, comentários. Nos bastidores do Planalto o ataque foi recebido como "uma manifestação de ódio fortuito". O presidente escalou os líderes do governo no Congresso para responder as críticas.

O líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (-PSDB-AM), que estendeu a mão para cumprimentar o senador após o discurso e passou pelo constrangimento de não ser cumprimentado, optou por desdenhar o ataque de ACM. "Ele nada expressou que tivesse incomodado o presidente Fernando Henrique". Para Virgílio, foram críticas duras e insinuações "injustas", como a de que houve roubo no processo de privatizações que ele como líder do governo não pode aceitar. "Se houve ladrões na privatização, que ele aponte onde estão, de maneira objetiva e nítida", disse o líder.

O senador Romero Jucá (PSDB-RR) rechaçou as acusações de ACM, ponderando que o governo não tem "absolutamente nada a ver" com o assunto da violação do painel de votações que indu-

ziu o senador a renunciar. Para Jucá, o ex-presidente do Senado, depois de pertencer por seis anos à base do governo no Congresso, estaria sendo no mínimo "insincero" ao fazer as críticas à forma pela qual Fernando Henrique conduziu o governo nos últimos anos.

COM MINISTROS

O presidente quebrou a rotina palaciana ao permanecer no Palácio da Alvorada durante toda a tarde. Minutos antes do início do discurso de renúncia de ACM, quatro ministros entraram no Alvorada para assistir o depoimento ao lado do presidente: Pedro Malan (Fazenda), Martus Tavares (Planejamento), Aloysio Nunes (Secretaria-Geral) e Andrea Matarazzo (Secretaria de Comunicação de Governo).

Os quatro ministros deixaram o palácio cerca de 20 minutos após o fim das palavras de ACM, sem dar declarações à imprensa. Nos bastidores, assessores comentavam que embora tenha feito ataques ao governo, ACM não fez novas denúncias e este seria o motivo para evitar respondê-las. Um assessor que conversou com o presidente encontrou-o tranquilo. "Não tinha nenhuma novidade", resumiu.

Os jornalistas credenciados no Planalto enviaram ao porta-voz perguntas relativas aos ataques feitos por ACM a Fernando Henrique. "Não haverá briefing porque o presidente não tem nada a co-

mentar sobre as perguntas", disse o porta-voz da Presidência Georges Lamazière. "O Palácio do Planalto não irá se pronunciar", completou a assessoria de imprensa do ministro Aloysio Nunes.

O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, articulador político do governo, usou de ironia para contestar as críticas de ACM. "O doutor ACM, ao invés de concluir com grandeza sua vida pública, o fez com mágoa, deixou de ter a dimensão nacional e talvez não tenha espaço na própria Bahia", disse.

Irônico, Arthur Virgílio disse que a afirmação de ACM, de que a inflação irá voltar ao Brasil, é equivocada, porque o ministro Pedro Malan — a quem ACM já convidou para se filiar ao PFL — não deixará que ela volte. Segundo o líder, Malan manterá a atitude de impedir medidas populistas, como quando impediu que o salário mínimo subisse na proporção que desejava ACM.

Virgílio garantiu que em nenhum momento o discurso de ACM preocupou o presidente Fernando Henrique. "Ele (ACM) é oposição e o presidente não estava preocupado se o senador iria poupar ou não", garantiu. "Não irá mudar a rotina do governo, foi apenas um discurso de mágoa", continuou, acrescentando que irá trabalhar para atrair para o governo o filho de ACM — o empresário Carlos Eduardo Magalhães Júnior — que assume hoje a vaga do pai.